



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 107/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

A VERDADE SOBRE JOÃO GOULART

Há muito que eu queria falar sobre as versões e as verdades que circundam a vida e a morte do nosso ex-Presidente João Goulart. O desejo vem, primordialmente, de uma relação de admiração quase afetuosa minha por ele, não obstante a distância que tinha de existir entre um jovem político iniciante, como eu nos anos sessenta, e um líder importante e amadurecido que chegou a ocupar a Presidência da República.

A verdade sobre a vida de uma pessoa finda sempre num julgamento que os outros fazem sobre ele. Os fatos da vida de Jango, até o episódio da sua morte, os fatos de sua vida pública são conhecidos, a menos de algum detalhe ainda submerso que venha à tona no futuro, o que acho pouco provável, tal a potência dos holofotes acesos sobre seus passos desde que emergiu, nos anos cinquenta, como líder-amigo dos trabalhadores brasileiros. Se os fatos são conhecidos, a verdade sobre a vida de Jango surge do cruzamento das interpretações e julgamentos desses fatos e da resultante deles, que é o juízo consensual sobre a vida política do ex-Presidente.

Esse juízo seria, então, uma espécie de verdade-comunicativa, por analogia com a razão comunicativa de Habermas, isto é o conjunto de consensos, formados a seu respeito, pela composição entre as opiniões que se confrontam. E eu quero muito contribuir para a formação desse conceito geral sobre Jango, com a minha pequena experiência vivida no seu período e minha extensa vivência formada posteriormente.

Para mim, Jango era um líder essencialmente democrático, aberto às razões e aos argumentos de todos, que os procurava escutar com atenção e respeito, um líder que desenvolveu afetos na convivência com trabalhadores de origem humilde, um líder que talvez tivesse certa dificuldade nas decisões que contrariavam seus afetos, que esticava o tempo dessas decisões, recolhia-se à sua fazenda em Uruaçu (Goiás) para meditar durante as muitas crises que cercaram seu governo, mas um homem de caráter e probidade, que decidia, sim, quando o momento o exigia. E um político que não foi incompetente, como muitas vezes é referido.

Governou no período mais difícil de toda a nossa história recente. A radicalização internacional da guerra fria estava no seu auge, marcada pela construção do muro de Berlim, com posições agudamente antagônicas dirigidas por eminentes líderes de cada lado: Kennedy e Krushev, e com a agravante da existência do foco revolucionário de Cuba, ponta de lança do sistema soviético, praticamente dentro do território norte-americano, que foi palco de um dos momentos mais críticos do confronto, a crise dos mísseis de Cuba, possivelmente o ponto mais próximo da catastrófica guerra nuclear. Cuba, ademais, exportava, sim, sua revolução, enviando soldados à África e inspirando, quando não estimulando insurreições na América Latina.

Nesse quadro de tensão internacional se inseria a radicalização interna das posições políticas, marcadas, de ambos os lados, pelos vertentes do confronto internacional. Os grupos mais à esquerda, com o restabelecimento do presidencialismo, ocuparam posições mais influentes dentro do governo. Assim é que cresceu bastante a força política dos partidos comunistas em todo o seu espectro, compreendendo várias organizações nitidamente revolucionárias, enquanto, paralelamente, lideranças e grupos que não tinham anteriormente essa vocação, foram se aproximando mais e mais da rota que conduzia à Revolução. Se Cuba, uma nação tão pequena, o tinha conseguido, por que o Brasil, gigante continental, não haveria de sacudir o jugo do imperialismo e do latifúndio? Seria necessária uma revolução? Então que se a fizesse. Era a posição de tantos brasileiros eminentes, oriundos do trabalhismo e do nacionalismo de Vargas, fortemente situados no Governo Jango, como Brizola, como Darcy Ribeiro.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 107/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Na trincheira oposta, evidentemente se avultava o medo pânico do comunismo, da cubanização do Brasil, que parecia cada vez mais real. Obviamente, essa trincheira mais conservadora contava com a maioria esmagadora das Forças Armadas e com sólido e assíduo apoio da grande potência do hemisfério ocidental, através de seus representantes aqui, oficiais e não oficiais, a começar pelo famoso embaixador Lincoln Gordon..

Jango teve a visão correta da situação, avaliou os graves riscos de um confronto interno e tentou contornar os radicalismos. Santiago Dantas, pela sua capacidade de argumentação e de articulação, pelo respeito que desfrutava de ambos os lados, foi a figura principal dessas iniciativas de negociação, ainda que muito abatido pela doença implacável que o vitimaria meses depois. Mas não foi o único. Tancredo Neves jogou-se também nesse esforço de rodeamento da crise que se avolumava no horizonte, com seu grande poder de envolvimento, entretanto, muito desgastado junto aos grupos esquerdistas pela sua intervenção na crise da posse de Jango, com a solução parlamentarista provisória. Até Celso Furtado foi convocado pelo Presidente, para elaborar o Plano Trienal que definia mais explicitamente as reformas que o Governo se propunha a realizar, numa rota de evolução e não de revolução.

Os esforços foram baldados; o processo de radicalização havia avançado a um ponto que não deixava mais margem a outro desfecho que não o confronto de forças físicas. As revoltas dos sargentos em Brasília e dos marinheiros no Rio, fraturando a espinha dorsal do espírito militar, que é a hierarquia, levaram a este ponto sem retorno.

João Goulart, mais sábio do que seus companheiros mais afoitos, que apostavam nas forças que legalmente o Presidente devia comandar, João Goulart conhecia bem as probabilidades do desfecho: a contração das suas feições, com o suor escorrendo pela face, e o tom de sua voz nos últimos pronunciamentos que fez o demonstram claramente. Sabia, e preferiu perder a guerra do que trair seus companheiros de toda a vida. Recebeu a proposta final, vinda do General Kruel, de demitir os “comunistas” do seu governo e não a aceitou. Fez a opção humana do seu afeto, do seu caráter, sabendo da sua inviabilidade. E deixou o País para evitar qualquer ato de resistência que seria insana e poderia resultar num banho de sangue brasileiro.

Até aqui falei sobre a vida, a vida política dele, oferecendo minha visão sobre a controvérsia das versões. Agora pergunto: e a morte de Jango?

Bem, eu escrevi este Correio incitado pela instigante matéria do jornalista Maurício Dias na última edição da Carta Capital, na qual, com base em depoimento de Almino Afonso, um dos líderes mais eminentes e inteligentes do Governo Goulart, ele aponta nitidamente para a hipótese de assassinato. Claro que é hipótese, não há comprovação; mas o fato é que a versão oficial não ganhou o timbre de verdade reconhecida. Há, com certa evidência, algo a ser desvendado no caso. Supostamente fatos ainda não revelados. Ocultos porque seriam estarrecedores. Como foram estarrecedores os fatos revelados a respeito das ditaduras dos nossos vizinhos do Cone Sul. Eis aí uma expectativa que recai sobre a tão necessária Comissão da Verdade. Só ele justificaria a sua criação.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br